



Práticas De Cura Como Resistência A Um Catolicismo Hegemônico: um diálogo com rezadeiras no sertão paraibano

Maria Vitória Moreno Laurindo¹

Graduanda em História (UFPB)

 <https://orcid.org/0000-0003-1735-2056>

Recebido em: 20 de janeiro de 2025

Aprovado em: 5 de março de 2025

RESUMO

Pensando nas rezadeiras e suas representações, via de regra estereotipadas, pretendo neste artigo confrontar os estigmas criados em relação a essas sujeitas, bem como ao espaço em que elas vivem - o sertão - com o objetivo de trazer à tona no âmbito acadêmico parte das suas práticas, entendendo-as como resistências às normas impostas pela colonização, a colonialidade e, consequentemente, pelo catolicismo. Por meio de entrevistas com mulheres do sertão paraibano, procuro colocar em diálogo suas falas e vivências com as contribuições teóricas de Antônio Bispo dos Santos, Carla Akotirene, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Vânia Vasconcelos, Ana Maria Veiga, Conceição Evaristo, Cláudia Vasconcelos e Alessandro Portelli, entre outros. Compreendo, a partir da pesquisa, as práticas de cura como resistência, e também como elementos culturais essenciais para a manutenção das comunidades, representando a diversidade presente ainda hoje nos sertões brasileiros.

¹ Universidade Federal da Paraíba (UFPB), graduanda do curso de Licenciatura em História, maria.moreno@academico.ufpb.br, bolsista PIBIC - UFPB. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6800281277816073>.

PALAVRAS-CHAVE

Rezadeiras, Catolicismo hegemônico, Feminismo aprendente, Sertões

Introdução

As práticas de cura estão presentes no Brasil desde o período colonial e mesmo antes dele, se pensarmos as práticas dos povos indígenas e suas relações com as ervas. Assunção (2006) em sua tese de doutorado faz um levantamento aprofundado dos rituais e práticas de cura por meio das documentações dos viajantes que registraram, ao virem para o Brasil, desde o século XVI, informações a respeito das populações indígenas de diversos estados, focando sua pesquisa principalmente no Rio Grande do Norte e na Paraíba.² Outro documento importante, que relata a presença dessas práticas, é o *Lunário Perpétuo*³, um livreto que transitou pelos sertões do país por volta do século XVII e que também apresenta significativos registros de rituais que as pessoas seguiam para cura das enfermidades, mazelas, feitiços e afins, com contribuição, inclusive, de regiões da Europa. São estes dois exemplos de base para

² ASSUNÇÃO, Luiz. *O reino dos mestres: a tradição da jurema na umbanda nordestina*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006. 288 p. ISBN 85-347-0387-6.

³ ALMEIDA, Argus Vasconcelos de. Saberes e Práticas de Cura no “Lunário Perpétuo” de Gerónimo Cortés (1555-1615) e sua influência no Nordeste brasileiro, [s. l.], 2012. Disponível em <https://pdfcoffee.com/lunario-perpetuo-1555-ppdf-pdf-free.html>. Acesso em 29 maio 2024.

pensarmos as complexidades, como também a longevidade que essas práticas conseguiram alcançar ao longo dos anos.

Junto a essas práticas, surgem, especialmente nas localidades não centrais (explicarei mais adiante o conceito de sertões utilizado aqui), pessoas, em sua maioria mulheres, preocupadas com a saúde e o bem-estar social, que promovem a cura por meio de benzeduras e aconselhamentos. Ora, considerando que no nosso país o acesso ao sistema de saúde, de maneira institucionalizada, só aconteceu há 36 anos, com a Constituição Federal⁴, as populações subalternizadas desenvolveram outros mecanismos para a manutenção das suas famílias e comunidades. Ao promoverem saúde, segurança e assumirem diversos papéis de liderança, as mulheres rompem com a colonialidade nos aspectos sociais, culturais e de gênero nos espaços em que atuam.

Os sertões, conceito aqui defendido, são entendidos como os espaços interioranos - não apenas da região Nordeste - e tratados como o contraste/oposição da “cidade grande” ou mesmo da denominada modernidade. Tal abordagem se aproxima da ideia de Durval Muniz de Albuquerque Júnior⁵ quando afirma que o Nordeste, assim como o sertanejo e todos os

⁴ A Lei 8.080 de 19 de setembro de 1990 regulamenta o Sistema Único de Saúde no Brasil, completando 30 anos em 2020, como afirma dados da Biblioteca Virtual em Saúde. Biblioteca Virtual em Saúde. Brasília: Ed. Ministério da Saúde, 2020. Disponível em [https://bvsmis.saude.gov.br/lei-n-8080-30-anos-de-criacao-do-sistema-unico-de-saude-sus/#:~:text=Em%2019%2F9%2F1990%20foi,%C3%9Anico%20de%20Sa%C3%BAde%20\(SUS\)](https://bvsmis.saude.gov.br/lei-n-8080-30-anos-de-criacao-do-sistema-unico-de-saude-sus/#:~:text=Em%2019%2F9%2F1990%20foi,%C3%9Anico%20de%20Sa%C3%BAde%20(SUS).). Acesso em 09 dez. 2024.

⁵ MUNIZ DE ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval. Introdução. In: MUNIZ DE ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009. cap. 1, p. 29-49. ISBN 978-85-249-1485-0.

estereótipos, são construções sociais, culturais e políticas. Pensando nesse Nordeste estereotipado pela fome, a seca e a falta, também se coloca neste imaginário a religião católica ou exclusivamente cristã como possibilidade de fé. Para confrontar essa lógica, além das “mulheres de cura”⁶, existiram outros processos paralelos à colonização e sua continuidade, como o sincretismo religioso⁷. Hoje entendido como mecanismo de resistência e existência de outras maneiras de viver, carregado de sabenças⁸ ancestrais e religiosidades diversas, tanto afro-diaspóricas como também indígenas.

Tais conhecimentos, que são adquiridos, conservados e repassados através da oralidade, abrem possibilidades de discussões sobre os reconhecimentos dos saberes dessas mulheres como epistemologias; tais debates são trazidos para a academia, mas também se transformam em demanda social e política urgente.⁹

Considerando a consolidação da História das Mulheres no Brasil nas últimas décadas, é notável ainda a escassez de pesquisas que tratem das narrativas de mulheres sertanejas e seus

⁶ VEIGA, Ana Maria. *Teoria, pesquisa, ensino de história e produção audiovisual como metodologia*. Projeto de Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em História e Departamento de História, Universidade Federal da Paraíba, 2024.

⁷ O sincretismo religioso é entendido aqui como resistência à colonização. Não trato deste conceito como uma mistura ou reciprocidade de crenças religiosas, tendo em vista que não aconteceu diálogo, e sim imposição da Igreja Católica sob as demais religiosidades.

⁸ MENEZES, Izabel Dantas de. Sabenças passadas na Comunidade Tradicional de Fecho de Pasto: Mucambo, Antônio Gonçalves (BA). In: VEIGA, Ana Maria; VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira; BANDEIRA, Andréa. *Das Margens: lugares de rebeldias, saberes e afetos*. Salvador - BA: EDUFBA, 2022. p. 289-305. ISBN 9786556303055.

⁹ VEIGA, Ana Maria. Entre linhas de confronto teórico e linhas de confronto subjetivo: descolonizar a partir das sertanidades. In: VEIGA, Ana Maria; VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira; BANDEIRA, Andréa (org.). *Das Margens: lugares de rebeldias, saberes e afetos*. Salvador: EDUFBA, 2022. p. 99-116. ISBN 9786556303055.

saberes (Veiga, 2022). Entendendo as rezadeiras, no recorte desta pesquisa, como sertanejas, atravessadas por marcadores sociais de opressão, como o pertencimento a um lugar geograficamente racializado, percebo que elas estão distantes do conceito universal de “mulher”, cunhado ainda de acordo com uma visão eurocêntrica.

Pensando nisso, e tomando as rezadeiras como sujeitas que confrontam a lógica eurocêntrica das religiões e da própria medicina, discuto aqui como elas podem ser consideradas exemplos das complexidades existentes nos sertões, assim como de resistências ao catolicismo hegemônico, a partir das suas falas e atuações.

Por meio de entrevistas, procuro seguir uma metodologia que fuja da ciência neutra, me colocando como ouvinte participativa em todo processo, bem como me utilizo de metodologias construídas junto à pesquisa. Assim, pretendo apresentar que, além de símbolo de resistência ao patriarcado - por desenvolverem atividades de autoridade -, essas mulheres também fazem parte de uma história do Brasil pouco ou nada falada, servindo para apresentar os sertões para além dos seus estereótipos e limitações.

Contexto histórico e social das rezadeiras

Confrontando estes estigmas, surgem nos espaços não centrais - os sertões - pessoas que carregam consigo os conhecimentos sobre chás, benzeduras, aconselhamentos e fé para promover saúde individual e coletiva dentro das suas comunidades. Em sua maioria são mulheres e, como símbolo de resiliência, elas promovem bem-estar social, além de protagonizarem resistência. Analisadas dentro de uma perspectiva decolonial, essas mulheres

produzem novas linguagens e maneiras de viver. Em consequência da colonização no país, suas origens também acompanham a diversidade aqui existente. Ruhama Figueiredo (2024), em sua dissertação, afirma que as rezadeiras na Paraíba são mulheres que apresentam pluralidade, que carregam consigo diversas manifestações religiosas da igreja católica, dos terreiros, das comunidades indígenas, bem como do cruzamento das diversas culturas. Acrescento aqui, as comunidades tradicionais, os quilombos, comunidades ribeirinhas, cidades pequenas e sertanejas que também apresentam esses saberes e práticas.

Assim como na sociedade, as rezadeiras também estavam presentes no imaginário e na imprensa há bastante tempo, pensando no caso do Brasil. Há uma matéria que faz parte do acervo da hemeroteca nacional de fevereiro de 1970 no *Jornal do Brasil* (1970, p. 6), publicado no Rio de Janeiro, que em uma das suas manchetes traz o seguinte título: “Conhecer o Brasil”¹⁰, e fala de um caso que aconteceu no interior da Bahia, de um parto envolvendo dois estudantes de medicina da Faculdade de Niterói e uma mulher conhecida por ser rezadeira e parteira. Na ocasião, uma mulher que estava prestes a parir a décima criança daquela família, chamou tanto os estudantes quanto a rezadeira para lhe ajudar no processo. Ao nascer, a criança veio entrelaçada pelo cordão umbilical e, ao invés de cortá-lo - como indicavam os estudantes -, a rezadeira assoprou os olhos do bebê. O procedimento foi mal sucedido e a criança chegou a óbito.

¹⁰ CONHECER o Brasil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1970. Cartas dos leitores, p. 6. Disponível em http://memoria.bn.gov.br/docreader/030015_09/180647. Acesso em 21 dez. 2024.

O curioso deste caso foi noticiar de maneira proposital um acontecimento isolado para descredibilizar os conhecimentos - considerados não científicos - das rezadeiras e parteiras, comparando-os com as formações acadêmicas. A própria mudança no código civil que alterou a função da parteira para enfermeira obstetra, como maneira de institucionalização da profissão, é também um apagamento histórico. Quando se trata de construção de estereótipos, esse não se coloca como um caso isolado da medicina no Brasil. As violências sofridas, com tentativas de apagamento e condenação das práticas de cura, também partiram das instituições religiosas, seja diretamente demonizando a atuação dessas mulheres, como também a existência de outras religiões não cristãs.

A preocupação de não se assemelharem com determinados estigmas se faz presente ainda hoje nas falas das mulheres rezadeiras¹¹ quando fazem parte de produções, entrevistas e afins, escolhendo por vezes o que deve ou não ser evidenciado. Há diferenças quando se trata desses estereótipos em se aproximarem ou não de práticas e religiosidades. Desde o receio de se autodenominarem rezadeiras, não sendo consideradas exclusivamente católicas, até o cuidado para que não sejam confundidas ou tratadas como representantes de outras religiões por um viés pejorativo. Assim, colocam como prioridade a autoafirmação de fazerem parte do catolicismo.

¹¹ FIGUEIREDO, Ruhama Souto Santana. *Entre a fé, a magia e a resistência: a representação e a identidade nas artes de cura das mulheres rezadeiras da Paraíba do século XXI*. 2024. 165 p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Campina Grande. Disponível em <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/37262/1/RUHAMA%20SOUTO%20SANTANA%20FIGUEIREDO%20%E2%80%93%20DISSERTA%C3%87%C3%83O%20%28PPGH%29%202024.pdf>.

Acesso em 10 dez. 2024.

Torna-se explícito que há uma diversidade que deve ser considerada. E que, inclusive, extrapola as linhas do catolicismo hegemônico.

Como metodologia, apoio-me na história oral que, de acordo com Alessandro Portelli é “a arte da escuta”¹² e requer sensibilidade do narrador/ouvinte, além de metodologias históricas. Utilizei nesta pesquisa os quatro elementos para a pesquisa destacados por Portelli: diálogo, memória, a relação entre esfera pública e privada, e a conexão entre oralidade e escrita historiográfica. Essa oralidade, aqui, conversa com a interseccionalidade¹³ entendendo que essas mulheres estão no centro dos cruzamentos sociais, culturais, políticos, geográficos e religiosos.¹⁴ Longe do conceito universal de mulher, distante da cidade grande, sem educação formal e ocupando um lugar que é estigmatizado, questionado e apagado o tempo inteiro. Além destas, as entrevistas também são fundamentadas na “escrevivência” de Conceição Evaristo¹⁵ (2013)¹⁶,

¹² PORTELLI, Alessandro. História Oral: uma relação dialógica. In: PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e voz, 2016. p. 9 - 25. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6944609/mod_resource/content/1/PORTELLI_Hist%C3%B3ria%20oral%20como%20arte%20da%20escuta_cap1e2-1.pdf. Acesso em: 25 maio 2024.

¹³ A interseccionalidade, neste contexto, é utilizada considerando os aspectos raciais e religiosos que atravessam as vivências dessas mulheres, alinhando-se ao pensamento de Carla Akotirene, que destaca a religiosidade como um marco central na discussão. O conceito, nesse sentido, aborda como as subjetividades das mulheres negras são impactadas pelas opressões que enfrentam, levando em conta fatores como o contexto social, geográfico, religioso, sexualidade e outros marcadores identitários. Trata-se de compreender as múltiplas camadas de opressão que moldam essas experiências, destacando a complexidade e a especificidade de suas trajetórias.

¹⁴ AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.

¹⁵ EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.

¹⁶ Utilizo o conceito partindo de um lugar coletivo, de uma ancestralidade. Meu sobrenome Moreno surgiu junto à criação da minha família há três gerações. Minha tataravó Isabel, mulher preta retinta, engravidou do patrão branco, dono de terras consideráveis na região onde hoje é Malta. Empregada da casa que não recebia pelo seu serviço, morava também na fazenda “de favor”. Não podendo registrar seu único filho com o sobrenome Ferreira, do patrão, criou o Moreno, que remetia à cor da pele do filho. Foi uma maneira alternativa de existência da

para escutar, de maneira coletiva, mulheres geograficamente racializadas que produzem e ocupam um lugar essencial, e deixar que elas próprias contêm as suas histórias.

Práticas de cura como resistência

As práticas de cura vivenciadas nos sertões, e em certa medida também nas grandes cidades, fogem da lógica eurocêntrica de cura, fé e doença por diversos motivos, cabendo aqui citar dois. O processo de colonização desenvolvido no Brasil tinha um caráter de conversão por meio da catequização dos povos colonizados. Dessa forma, uma das exigências postas neste modelo era a prática da fé católica cristã e as eventuais participações nas suas festividades e calendário. Dentro de todas essas limitações, cabiam às rezadeiras driblar os códigos exigidos, sem deixar de lado os conhecimentos adquiridos até ali, que também diziam respeito às suas formas de fé. Dizerem-se católicas era uma premissa, que permanece até a atualidade.

Antonio Bispo dos Santos em seu livro *A terra dá, a terra quer*¹⁷ fala da “contracolonialidade”, que, como conceito apropriado por esse estudo, pode explicar o exercício de resistência das rezadeiras. Para esvaziar a língua e a cultura do colonizador, os povos originários e escravizados utilizaram da linguagem do dominador, subvertendo sua lógica e transformando o significado, e conseqüentemente enfraquecendo essa língua. Em contraponto,

criança. Meu bisavô, Antônio Isabé como era conhecido, nunca teve direito a nenhuma riqueza, nem terras. E a partir daqui, surge a família Moreno, de Malta.

¹⁷ BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu/Piseagrama, 2023.

utiliza das suas próprias linguagens, enaltecendo suas falas e vivências; enfraquecendo, esvaziando e, desta forma, fazendo um contracolonizar a partir da colonialidade¹⁸.

É preciso esforço para compreender o papel que essas mulheres desempenham em relação aos processos de cura e a própria dinâmica que elas têm com as ervas, os santos, os guias e a fé. Inevitavelmente, por consequência da colonização, as rezadeiras às quais tive acesso se auto afirmaram católicas, cada uma com as suas subjetividades, das quais pretendo falar mais adiante.

O ponto em questão, foi perceber as desobediências que eram permitidas dentro dos seus respectivos contextos. Algo semelhante ao que Vânia Vasconcelos¹⁹ chama de rebeldias possíveis. Ao passo que se diz católica, não abandona, nem tira a importância do benzimento, da folha no momento da reza, do sal grosso e dos chás. Perceber essa ligação me leva a um outro aspecto importante: a relação com o tempo e a linguagem dessas mulheres.

¹⁸ A colonialidade é o conjunto dos mecanismos de controle produzidos a partir das estruturas modernas do capitalismo, como uma continuação da colonização, oficialmente encerrada como período histórico (colonial). Os estudos tiveram início com o Sociólogo Peruano Aníbal Quijano, que desenvolveu o conceito de colonialidade do poder. QUIJANO, Aníbal. *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas*. São Paulo: CLACSO, 2005. Para entender melhor, ver Mignolo, 2017 e Grosfoguel, 2016. GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 25-46, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>. Acesso em: 21 dez. 2024. MIGNOLO, Walter D. *Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade*. Tradução de Marco Oliveira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, p. 1-15, jun. 2017. DOI: <https://doi.org/10.17666/329402/2017>. Acesso em: 21 dez. 2024.

¹⁹ VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. Feminismos aprendentes: saberes, afetos e rebeldias. In: VEIGA, Ana Maria; VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira; BANDEIRA, Andréa (org.). *Das Margens: lugares de rebeldias, saberes e afetos*. Salvador: EDUFBA, 2022. p. 29-46.

A relação de tempo das pessoas que recebem ou observam a benzedura, a cura e o aconselhamento é diferente de quem os executa. Não quero neste espaço falar de tudo, porque me aproximo de uma visão limitada sobre o mundo e as rezadeiras. Por isso, procuro fazer o exercício também de construir, de acordo com a pesquisa, suas metodologias. E aqui chego à dinâmica das possíveis aproximações que as rezadeiras têm com a prática feminista. Se pensarmos em um feminismo hegemônico, elas não têm quase nada em comum com as mulheres que lutaram e lutam por emancipação nos espaços institucionais. Mas, ao analisarmos as rezadeiras como mulheres que nas suas comunidades promovem saúde, aconselhamento e benzeduras, paralelamente à existência de médicos, psicólogos e padres, nos seus espaços elas são protagonistas.

Assim como Dona Farailda²⁰, protagonista da pesquisa de Vânia Vasconcelos, as rezadeiras promovem e proporcionam um feminismo aprendente²¹. Mesmo com um processo forte de institucionalização das suas práticas, as rezadeiras são tão requisitadas quanto antes. As rezadeiras com quem tive a oportunidade de conversar, todas falaram sobre a sua proximidade com as pessoas que moram no entorno, como também de diferentes cidades, incluindo pessoas de estados vizinhos ou de regiões mais distantes, como o Sudeste do país, por exemplo. As tecnologias também afetaram, de maneira positiva, a atuação que essas mulheres têm de

²⁰ Dona Farailda é uma casamenteira do interior da Bahia, da cidade de Serrolândia. Vânia Vasconcelos constrói sua tese sobre a vida e atuação dessa mulher e que também, junto a ela, desenvolve o conceito de “feminismo aprendente”.

²¹ VASCONCELOS, Cláudia Pereira. Travessias sertânico-diaspóricas na pesquisa e o Brasil transcolonial. In: VEIGA, Ana Maria; VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira; BANDEIRA, Andréa (org.). *Das Margens: lugares de rebeldias, saberes e afetos*. Salvador: EDUFBA, 2022. p. 117-133.

autoridade e manutenção da saúde e do bem-estar coletivo. Em alguns dos relatos há presença do uso do aparelho celular com ligações ou mensagens de Whatsapp tomando um maior alcance. Isso mostra, principalmente, a importância das suas ações para suas comunidades.

Vocês do sertão: entre conversas e narrativas

Entendendo o feminismo aprendente (Vasconcelos, 2022) colocado no tópico anterior, tentei nos nossos encontros proporcionar um espaço seguro. Para isso, o afeto e a escuta foram fundamentais para nossas conversas. Dona Maria Rezadeira, por exemplo, perguntava durante a nossa conversa, em diversos momentos, se eu realmente acreditava nas suas palavras, e em todas as vezes eu fazia questão de afirmar que sim. A reza me encontra de uma maneira muito forte. Sou da cidade de Malta e, desde criança, vou à rezadeira para curar mau olhado ou até mesmo febre, gripe e outros males. Dona Baía foi a primeira que rezou em mim, conhecida pela sua doçura e paciência com todos que iam lhe visitar. A sua única exigência era o ramo de folhas frescas - só não podia ser de algaroba. Rezava com um cachimbo na boca e quem a escutava não entendia nenhuma das suas palavras. E foi assim que, com pouco mais de cinco anos, comecei meu interesse pela reza.

Ao chegar na universidade, depois de algum tempo, tive a oportunidade de participar do grupo de pesquisa ProjetAH²², um lugar de acolhimento, escuta e compartilhamento de saberes.

²² ProjetAH - História das Mulheres, Gênero, Imagens, Sertões é um grupo de pesquisa (DGP/CNPq) que reúne professoras de vários estados brasileiros, coordenado pela professora Ana Maria Veiga, orientadora desta pesquisa.

A partir dele, pude pensar, estudar e debater na academia as mulheres rezadeiras como possibilidade de pesquisa. Isso se torna essencial, quando penso no meu lugar: uma mulher socialmente lida como branca, sertaneja e pobre, que conviveu com essas experiências durante toda a vida e tendo afeto pelo tema. Procuro, no espaço acadêmico, além dos estudos decoloniais e contracoloniais, também me aprofundar nas temáticas antirracistas e da história das mulheres.

Por meio de entrevistas, coloco aqui um recorte da história partindo da atuação de quatro rezadeiras: Maria das Dores (Dona Dorinha), de 83 anos, natural do município de Patos; Maria Angelina da Silva (Maria Rezadeira), de 80 anos, habitante da cidade de Condado; Maria Gorete (Gorete), de 59 anos, nascida em Malta, e e Helena Cavalcante (Dona Helena Rezadeira), de 82 anos, também da cidade de Condado, todas no estado da Paraíba. Sendo as entrevistas realizadas entre os meses de maio e junho de 2024, tive acesso a elas de maneira informal, por meio da intermediação de terceiros ou indo diretamente às casas, como à de Dona Maria Rezadeira, pois ela não tinha celular. Meses antes das entrevistas, montei junto com a orientadora deste trabalho um questionário prévio, que, devido ao curto espaço deste artigo, não poderá ser contemplado de maneira tão aprofundada quanto eu gostaria. Por ora, trabalharei com algumas de suas falas que me marcaram e conversam com os pontos discutidos aqui.

Além do ponto em comum que todas têm com o catolicismo, há subjetividades a serem consideradas. Dona Maria Rezadeira, por exemplo, quando perguntei sobre seu guia ou santo de proteção, ela respondeu que eram “duas gêmeas”. Na sala de sua casa há uma mesa com diversas plantas, santos populares, como Padre Cícero, além de água benta e fotos de Jesus Cristo. Ela também conta que vê diariamente espíritos fazerem os trabalhos que lhes foram

confiados, pela madrugada, na sua mesa. Tem ao redor da sua casa sal grosso e considera ter “espiritismo de nascença”. Desde criança, tem visões sobre o futuro e acontecimentos na vida das pessoas. Já conseguiu curar doenças graves e também realiza aconselhamentos. Dona Maria coloca nas suas falas o sofrimento que carrega junto dessa missão - assim entende -, pois acumula diversas doenças em consequência disso.

É importante trazer também esse outro lado, pois tira as rezadeiras de um lugar romantizado. É uma prática fundamental, e como tal, exige esforço, dedicação e entrega também. O caso de Dona Maria Rezadeira não é isolado. Dona Dorinha, do mesmo modo, falou que tem sérios problemas de saúde, chegando a ficar alguns dias sem poder rezar devido às enfermidades, mas não abandona sua reza. Ela também traz consigo um guia não católico, se diz filha de Iemanjá. Tem uma ligação direta com uma menina, que a acompanha desde a sua infância. Ao descrevê-la, suas características, como o corpo envolto em palhas, se aproximam de Omolu/Obaluaê. Exemplo de que a reza extrapola os conhecimentos e a fé cristã. Para além do afro-catolicismo e do catolicismo popular, me arrisco afirmar que essas mulheres estão produzindo outras epistemologias.

Partindo de um lugar muito específico, mas não isolado, os sertões, por vezes elas não conhecem as outras religiões que também influenciam as suas práticas. Elas constroem sua fé e religiosidade a partir das suas vivências, do seu cotidiano. Nos outros dois casos, tanto Gorete como Dona Helena são guiadas por santos católicos. São José Operário e São Jorge, respectivamente. Um ponto a ser considerado aqui é que ambos também fizeram parte do processo de sincretismo. São José com Xangô e São Jorge com Ogum. Isso mostra também as

complexidades presentes nos sertões, assim como os cruzamentos evidenciados ao longo deste texto. De todas, Dona Helena foi a única que mostrou preocupação em não ser entendida como “macumbeira”, evidenciando que as práticas religiosas afro-indígenas e afro-diaspóricas sofrem pelos estereótipos criados, como também pelo próprio racismo religioso. Como dito anteriormente, a prática das rezadeiras e suas histórias contemplam uma discussão mais abrangente. Por isso, a partir desses recortes, tentei apresentar suas atuações como resistência à lógica hetero-patriarcal-cristã.

Considerações finais

Os sertões que procurei apresentar brevemente neste trabalho representam um espaço plural, onde as tradições, crenças e vivências se entrelaçam em uma teia rica e diversa. As rezadeiras, figuras centrais desse cenário, são sujeitas complexas, que vivem e moldam o seu próprio tempo, desafiando a visão limitada que as restringe ao passado. Elas estão, no presente, atuando como mediadoras culturais e espirituais, conectadas às raízes dos sertões, mas também às transformações que eles vivenciam. Mais do que espaço de fé hegemônica cristã, os sertões brasileiros guardam uma impressionante diversidade cultural, social e religiosa, composta por expressões e saberes que dialogam com as tradições locais e globais. Essa pluralidade merece ser respeitada e compreendida em toda a sua profundidade, valorizando o papel ativo das rezadeiras como agentes desse patrimônio imaterial vivo.

Esses saberes, formas de viver e de ver o mundo também enfrentam processos de apagamento e silenciamento, muitas vezes perpetuados pela historiografia tradicional. A história das mulheres, por exemplo, só começou a se consolidar como campo de estudo há cerca de quarenta anos e, mesmo assim, com limitações que ignoram a pluralidade de experiências femininas.

Quando olhamos para as mulheres em suas diversidades, esse recorte temporal se torna ainda mais recente e insuficiente, refletindo a marginalização histórica de suas narrativas. Reconhecer e estudar essas mulheres em suas múltiplas formas de ser é essencial para se compreender a história do Brasil de maneira mais abrangente, indo além das histórias locais. Suas trajetórias, práticas e saberes não apenas ampliam o entendimento histórico, como também desafiam as formas hegemônicas de produção do conhecimento, exigindo que sejam consideradas, lidas e pesquisadas com a seriedade e o respeito que merecem.

Assim, apresentar narrativas alternativas que desafiem a visão estereotipada e antiquada do que seria um "verdadeiro sertão" é uma forma de combater esse imaginário hegemônico que frequentemente reduz a complexidade e ignora a verdadeira riqueza cultural presente nesses espaços. Ao desconstruir essas ideias, é possível evidenciar as múltiplas vivências, tradições e formas de resistência que definem identidades sertanejas, no plural, valorizando suas histórias e práticas culturais únicas.

Nesse contexto, as rezadeiras surgem como figuras centrais, sendo fundamentais para a manutenção das comunidades e para as práticas de cura enquanto formas de resistência. Compreendê-las como protagonistas desses espaços reforça a importância de suas ações, que

vão além do espiritual, alcançando dimensões sociais e culturais. É necessário, portanto, um chamado à valorização das narrativas do sertão nos espaços acadêmicos e culturais, reconhecendo as rezadeiras como guardiãs de saberes que sustentam e transformam suas comunidades.